
Teorias da História e Sociedade: um Aprofundamento do Debate Metodológico entre Max Weber, a Escola Austríaca de Economia e os Historicistas, o “Methodenstreit”

Otávio Ferrari Piaskowski
Aluno do Curso de Graduação em História - UTP

Resumo

Este relatório tem como objetivo apresentar os resultados finais da pesquisa concernente ao debate metodológico desenvolvido, ao final do século XIX, entre os economistas da Escola de Viena (ou Austríaca) e da Escola Histórica Alemã (ou Historicismo), além do sociólogo alemão Max Weber, mais conhecido como “*Methodenstreit*”. O estudo surgiu da preocupação do autor em melhor compreender o surgimento e o desenvolvimento da chamada “Escola Austríaca de Economia”, que está intimamente ligado ao debate que esta escola travou com a Escola Histórica Alemã. De modo a melhor compreender este debate, o foco desta pesquisa esteve direcionado ao estudo da metodologia para as ciências sociais de Carl Menger, uma das figuras centrais deste debate. Para tanto, foi necessário uma profunda pesquisa historiográfica sobre o debate, de modo a auxiliar a melhor apreender a proposta mengeriana para o método das ciências sociais. Em suma, notou-se que a historiografia do debate, mais particularmente de autores ligados à Escola Austríaca de Economia, deixa de fazer um estudo mais profundo deste debate, algo que este relatório procurou suprir, de forma a entender melhor o seu surgimento.

Palavras-chave: Carl Menger. Methodenstreit. Escola Austríaca de Economia.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados finais da iniciação científica, feita sob orientação do professor Pedro Leão da Costa Neto, intitulada “Teorias da História e Sociedade: Um Aprofundamento da disputa metodológica entre Max Weber, os Historicistas e os economistas da Escola de Viena, o ‘*Methodenstreit*’”.

De modo a apresentar o tema desta pesquisa, o *Methodenstreit* foi um intenso debate sobre a metodologia para as ciências sociais, especialmente para a economia, entre a Escola de Viena¹, representada por Carl Menger, o Historicismo de Gustav Schmoller² e o sociólogo

1 Joseph Schumpeter, em seu clássico “History of Economic Analysis” (História da Análise Econômica, em tradução para o português), também utiliza a terminologia, inclusive mais usual, de “Escola Austríaca” (Austrian School, do inglês) (1954, p. 811).

2 Ludwig von Mises, em seu estudo sobre o debate, chama esta escola de “German Historical School”, que em tradução para o português, Escola Histórica Alemã (2003, p.7). A razão para esta definição mais fechada de “Escola Alemã” também é partilhada por Eric Röll (1977, p. 301-309), que percebe em certos economistas ingleses as mesmas preocupações da Escola Alemã.

alemão Max Weber, ocorrido entre os anos de 1883 e 1895 (HÜLSMANN, 2007, p. 124)³.

Este debate teve início com a publicação, em 1883, do *Untersuchungen über die Methode der Socialwissenschaften und der Politische Ökonomie insbesondere* por Carl Menger⁴, no qual o autor criticou duramente os princípios metodológicos para as ciências sociais da Escola Histórica de Economia. Depois, com a publicação da resenha de Schmoller, também bastante forte em seu tom, o debate passa a se tornar uma disputa, tal como o nome em alemão sugere (“*Methodenstreit*”, disputa de métodos, em tradução para o português).

Contudo, ao mesmo tempo em que surgiu, a disputa foi aos poucos se assentando, uma vez que, como sustenta Joseph Schumpeter (1954, p. 783), ambos os lados tinham um forte desconhecimento das posições defendidas pelo lado contrário, bem como a dureza das críticas do debate, evitando, assim, a formação de algum ponto em comum.

A partir desta rápida discussão, pode-se passar a uma descrição do trabalho em si, detalhando as fontes utilizadas e a metodologia que deram suporte a esse trabalho.

3 Tais datas são motivos de grande debate, uma vez que, como defende Joseph Schumpeter (op.cit, p. 783), o debate ficou muito confuso devido ao choque de “temperamentos e egos intelectuais”, o que dificulta de tal modo esta datação.

4 Em tradução livre para o português, “Investigações sobre o método das ciências sociais com uma referência especial sobre a economia”.

Primeiramente, notou-se a dificuldade de se conseguir fontes acerca dos trabalhos originais da escola histórica alemã, ou suas traduções. Em termos gerais, apenas se conseguiu um contato indireto com essas obras, partindo da descrição da historiografia. Desta forma, o entendimento sobre esta escola é prejudicado pela falta de acesso a essas fontes. Talvez se consiga, em uma pesquisa futura, obter um contato com as obras originais em uma pesquisa mais profunda sobre o tema.

Com isso, as fontes sobre o *Methodenstreit* ficam exclusivas aos trabalhos de Carl Menger, da escola austríaca, e de Max Weber sobre o tema.

Sobre as obras de Carl Menger, foram utilizados seus dois únicos publicados⁵: Primeiro, o livro *Principles of Economics*⁶, publicado pela primeira vez em 1871 sob o título *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*; Segundo, o livro *Investigations into the method of the social sciences with special reference to economics*⁷, publicado originalmente no ano de 1883 com o título *Untersuchungen über die Methode der Socialwissenschaften und der Politischen Ökonomie insbesondere*.

5 É necessário deixar claro que não se pretende julgar a capacidade acadêmica de um autor a partir do número de suas obras publicadas. Como muito bem notou Hayek (2007, p. 16-17; 32-33), Carl Menger pretendia escrever toda uma série de tratados sobre os aspectos teóricos e práticos da economia, algo que nunca se realizou, devido a sua morte em 1921.

6 Em tradução para o português, “Princípios de Economia Política”

7 Em tradução para o português, “Investigações sobre o Método das Ciências Sociais com uma referência especial à economia.”

Como se nota a partir desta descrição sobre as fontes acima, nota-se que foram utilizadas as obras traduzidas do inglês de Carl Menger ao invés das obras originais do alemão. Isto se deve a partir da falta de conhecimento do autor deste texto em relação à língua alemã. Desta forma, o entendimento pode ser prejudicado. Da mesma forma, será necessária uma pesquisa mais profunda, e com mais tempo de trabalho, para dedicar-se às obras originais.

Por parte de Max Weber, apenas um texto foi utilizado como fonte para esta pesquisa: o livro “Metodologia das Ciências Sociais”, em especial seu primeiro capítulo, que trata da crítica do autor aos pressupostos metodológicos da escola histórica alemã, bem como algumas das discussões metodológicas da época, que ultrapassam os limites do debate a ser analisado.

A partir da descrição das fontes, pode-se passar a um relato da metodologia utilizada ao longo deste trabalho.

De modo geral, utilizaremos como norte os pontos centrais da análise de Weber sobre a metodologia desenvolvida pelos economistas Wilhelm Roscher e Karl Knies, ambos membros da escola histórica alemã. Logo, a divisão que os autores fazem entre as ciências sociais⁸, as características das leis desenvolvidas nas

ciências sociais e a motivação da ação humana foram pontos interessantes de análise para Max Weber (2001, p. 1-106). Com isso seguirá o mesmo caminho este trabalho ao analisar a obra de Menger.

Finalmente, após esta breve discussão metodológica, é necessário descrever o texto e os seus pontos principais. Ele será iniciado com uma longa, e de fundamental importância, discussão bibliográfica sobre o debate, percebendo pontos do debate que ainda carecem de um maior cuidado na análise. Depois, o foco será destinado, separadamente, a uma análise da metodologia desenvolvida por Carl Menger e a crítica metodológica de Max Weber. Ao final, será realizada uma aproximação destas duas partes, citando alguns outros pontos de análise que um futuro trabalho poderia se debruçar.

2 Entre Austríacos e Não Austríacos: Apontamentos Historiográficos do Debate

A razão para este título está no fato que o *Methodenstreit* é visto de maneira diferente pelos dois grupos. Em quanto um grupo tem seu foco destinado a um olhar mais aprofundado sobre a participação de Carl Menger e de outros economistas “Austríacos”⁹, outro procura

8 A razão disto é que, para o sociólogo alemão, a divisão das ciências sociais é um componente “[...] fundamental para a classificação e a

diferenciação dos conceitos científicos.” (WEBER, 2001, p. 5).

9 Utiliza-se este termo para agrupar os economistas identificados com

estabelecer uma visão mais afastada e tratar o debate como um todo. Não se quer dizer aqui que, por ter um foco mais dedicado ao economista austríaco, a análise do grupo “Austríaco” seja inferior ao grupo não identificado com a Escola Austríaca de Economia.

2.1 A Visão “Não Austríaca” do Debate

A primeira visão historiográfica do debate foi realizada por Lionel Robbins, em seu livro “*An essay on the nature and significance of economic science*”, publicado em 1932. Este livro tem como objetivo geral de resumir os pontos básicos da análise econômica, especialmente aqueles que envolvem a ação humana.

Sobre o *Methodenstreit*, defende o autor (1932, p. 96), pouco se poderia acrescentar ao que foi tratado de décadas anteriores. Mais ainda, ele acredita que

*[...] nada tem sido dito pelos modernos críticos do método tradicional o que já foi dito na Alemanha ou Inglaterra de cinquenta ou sessenta anos atrás, e não há nenhuma proposição que já foi refutada de maneira conclusiva tanto por Menger quanto por Weber nos trinta anos anteriores a guerra.*¹⁰

Desta forma, Lionel Robbins toma a posição de Menger e Weber como corretas em sua crítica aos

a Escola Austríaca de Economia.

10 Tradução livre do inglês: “nothing has been said by the modern assailants of the traditional methods which was not said in Germany or England fifty or sixty years ago, and no proposition has been advanced which was not finally refuted either by Menger or Max Weber in the thirty years before the War.”

economistas da Escola Histórica Alemã. Inclusive, ele aproveita as últimas linhas para criticar acidamente a posição historicista, uma vez que “o maior valor do ‘*Historicismus*’ [...] tem sido mostrar de maneira mais clara possível quais posições a serem evitadas” (ROBBINS, idem).

A segunda é realizada por Joseph Schumpeter, em seu clássico *History of Economic Analysis*. Nele, o debate é discutido em um trecho que ainda estava sendo construído, uma vez que o livro foi publicado postumamente em 1954. Logo, nota-se excertos confusos e, talvez, uma visão apenas prévia sobre o debate.

No quarto capítulo da quarta parte do livro, o *Methodenstreit* é localizado em meio ao contexto de reformas políticas e sociais ocorridas na Europa como um todo, mas centralizada na Alemanha, onde ficou conhecida como *Sozialpolitik*¹¹ (SCHUMPETER, op.cit, p. 768-771).

Ao mesmo tempo, um forte grupo acadêmico surge para auxiliar o Estado na confecção destas reformas, algo que ficou conhecido como sendo os “Socialistas de Cátedra” (MISES, 2010, p. 63). A razão para isto está na participação decisiva de professores universitários, especialmente nas universidades de Halle, Breslau e Berlim (HÜLSMANN, op.cit, p. 118). Tal grupo ficou conhecido como sendo a “Escola Histórica de

11 Tradução para o português “Política Social”.

Economia”. Outro nome para esta escola é grupo conhecido como “Historicista” (SCHUMPETER, *op.cit*, p. 775).

Na divisão desta escola, o autor observa que há uma “Velha” e uma “Nova” escola histórica. Na primeira, há uma defesa de que a economia seguia uma linha evolucionária e de que as “leis” da economia clássica sejam demonstradas por materiais históricos. Já na segunda, a liderança de Gustav von Schmoller e uma defesa vigorosa dos métodos históricos foram os elementos principais (SCHUMPETER, *ibid*, p. 776-782).

Ao tratar do debate, Schumpeter coloca o ponto inicial na publicação do *Untersuchungen* de Carl Menger que, ao tratar dos métodos para as ciências sociais, tratou de “[...] defender o ponto de vista da análise teórica e de colocar a escola de Schmoller em seu lugar – e um lugar muito secundário o era!”¹² (SCHUMPETER, *ibid*, p. 783). Com isso, ele evidencia o clima do debate: acirrado, com fortes presenças de visões contrárias e de egos ao se discutir os termos do debate.

Por fim, o autor considera que o debate teve pouco a ver com discussões metodológicas, mas apenas tinha como ponto fundamental “[...] a precedência e a importância relativa”¹³ do método histórico,

defendido pelos historicistas, ou do método teórico, defendido pelos austríacos. Por isso a pouca duração do *Methodenstreit*, com poucos pontos a se tirar de vantagem para a análise da economia como um todo (SCHUMPETER, *ibid*, p. 783-784).

A terceira análise vem de Oskar Lange, notório economista polonês, no livro “Moderna Economia Política”, publicado no Brasil no ano de 1967. Sobre o debate, ele está localizado no capítulo sexto deste livro.

Diferentemente dos dois outros autores, Lange aumenta o escopo do debate para incluir a crítica e a decadência da economia clássica¹⁴ na Europa, do qual fazem parte a corrente “Subjetivista” e a corrente “Histórica” e a sua corrente com a corrente “Marxista” para a análise econômica (1967, p. 213).

Entre essas duas escolas, elas tomaram por base atitudes distintas tomadas a partir da Escola Clássica. A corrente subjetivista teria exacerbado o fenômeno econômico “cotidiano da troca”, terminando “[...] por separar o objeto de suas pesquisas das relações econômicas historicamente constituídas.” (LANGE, *op.cit*, p. 214). Já a corrente histórica tinha por ponto básico a

12 Tradução livre do inglês “to vindicate the rights of theoretical analysis and to put the Schmoller school in its place—and a very secondary place it was!”

13 Tradução livre do inglês “precedence and relative importance”

14 Por Economia Clássica entende-se a escola produzida a partir das noções sobre a economia tais como as produzidas por Adam Smith, David Ricardo e John Stuart Mill. Para uma breve compreensão desta escola, recomenda-se a leitura do capítulo quarto do livro “História das Doutrinas Econômicas”, de Eric Roll (1977, p. 126-188)

[...] crítica feita à Economia clássica de não ter tomado consciência do caráter histórico das categorias econômicas. Esta crítica levou, seja a negar a existência das leis econômicas, seja a considerar que o que está na origem dessas leis são as atitudes psicológicas dos homens características de certas épocas [...].

Desta forma, Lange defende que o debate seja uma separação de problemas derivados da Economia Clássica. Todavia, ele ainda inclui no debate uma terceira corrente, visão completamente inédita na historiografia: a corrente “Marxista”.

Em termos gerais, a corrente “Marxista” uniria as duas visões defendidas pela corrente “subjetivista” e a corrente “histórica”. De um lado, abarcaria a crítica da segunda corrente, levando em conta o caráter histórico das leis econômicas; por outro, levaria em conta os resultados gerais da economia clássica e da corrente subjetivista, defendendo também o desenvolvimento de leis para a análise econômica. Em suma

[...] a corrente marxista desenvolve a Economia Política como ciência ao mesmo tempo histórica e teórica, como ciência cuja tarefa é descobrir as leis objetivas e seus determinantes históricos, a fim de dirigir conscientemente o desenvolvimento econômico da sociedade (LANGE, *ibid.*, p. 257).

Genericamente, pode-se resumir a contribuição de Lange para o debate historiográfico consiste na inclusão de uma terceira corrente neste debate: a corrente

“Marxista”. Contudo, mostrou-se uma contribuição que não se percebe em outras visões historiográficas, sejam elas austríacas ou não austríacas. Desta forma, abre-se um grande campo de estudo dedicado exclusivamente a esta análise de Oskar Lange do *Methodenstreit*.

A última análise aqui tratada nesta seção é de Eric Roll, que escreve sobre o debate em trechos do sétimo e oitavo capítulo do seu clássico “A História das Doutrinas Econômicas”, publicado no Brasil em 1977.

Tal como Lange e Schumpeter, Eric Roll inicia sua análise localizando o *Methodenstreit* em meio a um contexto de reformas sociais, seguindo a visão de Schumpeter¹⁵, e de uma crítica aos pressupostos teóricos e metodológicos da escola clássica, como percebe Lange (ROLL, 1977, p. 289-361).

De modo geral, é um dos melhores resumos do debate como um todo. Para o autor, o debate tem início quando é publicada a primeira crítica aos trabalhos da escola histórica, justamente a obra *Untersuchungen über die Methode der Socialwissenschaften und der Politischen Ökonomie insbesondere* de Carl Menger, em 1883. Com esta publicação, o autor austríaco “desalojou de seu lugar proeminente” a escola histórica (ROLL, *ibid.*, p. 294).

¹⁵ Inclusive, em seu livro, Roll tece loas ao trabalho de Schumpeter, chagando a escrever, em uma nota de rodapé, que seu trabalho é o “[...] mais importante para o especialista na matéria.” (1977, p. XXIV, nota 2).

Contudo, de melhor maneira que os outros historiadores da economia, ele procura a raiz e o contexto do debate no estabelecimento de uma nova postura teórica e metodológica: a Utilidade Marginal e o individualismo na economia¹⁶. Em suma, o *Methodenstreit* “[...] foi mais um meio, com cuja ajuda a nova teoria pretendia esclarecer-se a si própria, que um ataque à escola histórica. Não obstante, apareceu sob este último aspecto” (ROLL, *ibid*, p. 298). Desta forma, sem negar o debate em si, coloca a importância dele na formação de uma nova análise econômica, centrada nas ações individuais.

Resumindo esta seção, nota-se que a visão desvinculada da escola austríaca de economia fornece importantes pontos de análise. O primeiro, relacionado a um possível encerramento do debate em favor de Menger e Weber, com a refutação dos pressupostos historicistas, em Lionel Robbins. Segundo, baseado em Joseph Schumpeter, em uma visão mais apurada do tipo de discurso ácido adotado pelos dois lados

¹⁶Aqui, por não querer cansar o leitor, não será o lugar para tratar profundamente desta corrente, da qual Menger também faz parte, mas sem muita conexão com sua metodologia para as ciências sociais. Genericamente, segundo Luiz Souza Gomes (1966, p.225), a Utilidade Marginal coloca o indivíduo no centro da análise econômica, uma vez que defende o “[...] pressuposto de que as necessidades do homem admitem uma saturação gradual, e à medida que aumenta a quantidade de bens, diminui a satisfação que proporcionam. Estes são os pressupostos defendidos pela chamada “economia neoclássica”, surgida no final do século XIX.

do *Methodenstreit*. Terceiro, em um relacionamento do debate com o marxismo, como defende Oskar Lange. Quarto, e por último, o da influência do debate no surgimento da chamada “escola neoclássica” para análise da economia, alicerçado em Eric Roll.

2.2 A Visão Austríaca do Debate

Grande parte desta visão foi construída nos últimos anos, o que coincide com aquilo que Jesus Huerta de Soto chama de “renascimento” da escola austríaca de economia nos anos 1970. Desta forma, houve um retorno às origens da escola, o que proporcionou um estudo mais aprofundado do debate entre Carl Menger, o criador da escola, e os historicistas.

O primeiro que tentou escrever algo do debate baseado na visão austríaca foi Ludwig von Mises, em um artigo chamado “*The Historical Setting of the Austrian School of Economics*”¹⁷ publicado originalmente em 1969. Neste livro, o autor procura descrever o contexto de formação da escola austríaca de economia, que está intimamente ligado ao desenvolvimento do *Methodenstreit*.

Os pontos principais a serem apreendidos desta análise é a forte crítica de Mises aos historicistas. Para o autor, estes economistas tinham uma união muito

¹⁷ Em tradução para o português, significa “O Contexto Histórico da formação da Escola Austríaca de Economia”.

próxima com o Estado alemão. Desta forma, “Os titulares das cadeiras de história e das *Staatswissenschaften* (isto é, ciência política, incluindo todas as referências à economia e às finanças) sabiam o que seu soberano esperava deles. E eles entregaram os produtos” (MISES, 2009, p. 10).

Com isto, Ludwig von Mises procura estabelecer uma visão de extrema crítica ao debate, uma vez que, enquanto um lado procurava se juntar ao Estado alemão, Carl Menger também não produziu algo inédito na área da metodologia, já que ainda estava sob forte influência do pensamento de John Stuart Mill e August Comte para “levar as últimas consequências lógicas de seu pensamento.” (MISES, *ibid.*, p. 12).

Em suma, a visão misesiana bastante crítica ao historicismo e ao debate ainda reflete o contexto do debate na análise do autor, uma vez que Ludwig von Mises foi um seguidor de Menger, e fez sua carreira em meio a este debate. Com isto, pode-se entender o diagnóstico de Schumpeter sobre o debate, já que este defende que o debate teve muita influência das personalidades dos personagens do debate, o que leva ao clima acirrado do *Methodenstreit*.

A segunda visão sobre este debate é realizada no livro “*The Austrian School of Economics: A history of its ideas, ambassadors & institutions*”, publicado no ano de 2011. Neste livro, Eugen Maria Schulak e Herbert

Unterköfler fazem um breve histórico da escola austríaca, desde a sua formação até os dias atuais.

Sobre o debate em específico, eles procuram munir-se de fontes primárias e de diversas citações, tanto de obras de Carl Menger quanto das obras de Gustav Schmoller, os dois maiores nomes deste debate. Desta forma, fica evidente por esta leitura a acidez dos comentários de parte a parte no *Methodenstreit* (SCHULAK e UNTERKÖFLER, 2011, p. 21-28)¹⁸.

Ainda, procuraram trazer, de maneira esparsa, elementos políticos do contexto do debate, cercado na rivalidade entre a Áustria e a Alemanha em meio ao século XIX, ainda que, os dois sejam aliados na Primeira Guerra Mundial (SCHULAK e UNTERKÖFLER, *ibid.*, p. 22).

A terceira visão está no livro “A Escola Austríaca” de Jesus Huerta de Soto. Da mesma forma que a obra citada acima, o autor procura realizar um breve histórico da escola austríaca de economia.

¹⁸ Pode ser citada como exemplo a fala de Schmoller sobre Menger: Ele [Menger] não possui “educação filosófica, histórica e filosófica, assim como uma visão ampla sobre o mundo” (tradução livre do inglês “universal, philosophical and historical education, as well as a naturally broad vision”). Em uma resposta de Menger, “Deixem Schmoller, o metodólogo, caminhar como um leão nas areias do Spree [Rio Alemão], agitar suas jубas, brandir suas garras e bocejar epistemologicamente; apenas crianças e tolos tomarão seriamente suas gesticulações daqui para a frente (tradução livre do inglês “Let Schmoller, the methodologist, stride like a lion in the sands of the Spree, shake his mane, brandish his paw, and yawn epistemologically; only children and fools will take his methodological gesticulations seriously henceforth”) (SCHULAK e UNTERKÖFLER, *ibid.*, p.24).

O autor traz, para o debate, uma visão ainda mais abrangente, uma vez que considera que, na posição de Menger, estiveram “[...] aliados conjunturais com os teóricos do paradigma neoclássico do equilíbrio e, entre eles, com Walras e Jevons de entre os marginalistas matemáticos, e com os neoclássicos Alfred Marshall e John Bates Clark nos Estados Unidos.” (SOTO, 2010, p. 66). Esta visão é um possível programa de pesquisa futuro para um pesquisador do debate, uma vez que Menger trocou correspondência com alguns deles, mais particularmente Leon Walras (HÜLSMANN, op.cit, p. 106-108).

Por fim, a quarta visão austríaca sobre o debate vem do biógrafo de Ludwig von Mises, Jörg Guido Hülsmann, que trata do debate em seu longo livro “*Mises: The Last Knight of Liberalism*”, publicado em 2007.

Em termos gerais, é o autor que tratou, dentro da escola austríaca de economia, mais longamente do debate em si. Com isto, muitos dos pontos do debate recebem um destaque especial (op.cit, p. 117-125). Para não cansar o leitor, procurou-se ter o foco voltado, ao ler este livro, para as inovações desta visão historiográfica.

A primeira, e principal, contribuição de Hülsmann é trazer como um importante participante do debate o sociólogo Max Weber. Ele o localiza dentro dos intensos debates travados dentro do *Verein für*

Sozialpolitik [Associação para a Política Social, em tradução do alemão] sobre a relação entre as ciências e seus julgamentos com visões políticas.

A segunda contribuição é tentar colocar o debate dentro de um contexto de luta de espaços dentro da academia, sendo que, na visão de Hülsmann (ibid, p. 122), favorecia aos historicistas, devido a sua forte conexão com o governo alemão, controlando nomeações para as cátedras das universidades alemãs, tal como defendeu Ludwig von Mises anteriormente.

2.3 Uma Visão Geral da Historiografia do Debate

Com estes dois últimos trechos, tentou-se resumir posturas historiográficas próximas, mas ainda distintas. De um lado, a visão austríaca tendo o seu foco mais deslocado para a figura de Carl Menger, enquanto a visão “não-austríaca” tendo um foco no debate como um todo.

Genericamente, deve-se enfatizar que a postura agressiva das duas partes contribui, e muito, para um estudo de história, uma vez que evidencia que a academia não necessariamente possui uma discussão no mais alto nível. Dessa forma, a academia é um local também suscetível a discussões acirradas, o que não empobrece ou enriquece o debate, mas auxilia o ofício do historiador de analisar tais debates.

De outras formas, é de se notar que o debate pode, e deve ser estudado mais a fundo, já que muitas questões tratadas na historiografia podem ser melhor analisadas. Dois exemplos disto são as fontes para contribuir com a análise de Jesus Huerta de Soto, utilizando-se das correspondências de Menger para encontrar aliados na sua crítica ao historicismo. Da mesma forma, podem ser feitas relações entre o *Methodenstreit* com as diversas escolas econômicas do período, tal como evidenciado por Oskar Lange. Certamente, ao se ler as diversas obras sobre o debate, outras questões surgirão como possíveis fontes de estudo para o futuro pesquisador.

3 A Proposta Metodológica de Carl Menger

Conforme dito na introdução, irão ser utilizadas nesta seção as duas principais obras de Menger: O *Principles of Economics* e o *Investigations into the method of the social sciences*. Na primeira obra, será observado a sua metodologia de maneira indireta; já na segunda obra, dedicada principalmente a esta tarefa, sua metodologia para as ciências sociais será vista um pouco mais profundamente.

Na primeira obra, sua metodologia aparece em seu primeiro parágrafo do primeiro capítulo, onde o autor (MENGER, 2007, p. 52) afirma categoricamente que

*Todas as coisas são sujeitas à lei de causa e efeito. Este grande princípio não conhece nenhuma exceção, e nós procuraríamos em vão no reino das experiências por um exemplo do contrário [...] Sua continuada e crescente reputação é, portanto, intimamente ligado com o progresso humano*¹⁹.

A partir deste trecho, Menger coloca a causalidade como principal elemento ao se estudar a economia.

Outro ponto de análise de sua metodologia está ligado ao seu estilo de apresentar seus pressupostos teóricos na economia. Para exemplificar estes pressupostos, pode ser utilizada a sua teoria e a origem do valor na ciência econômica.

A sua teoria está alicerçada em um exemplo hipotético, mas não longe da realidade: a de um habitante de uma determinada floresta.

Se um habitante de uma floresta virgem possui, ao seu dispor, várias centenas de milhares de árvores, enquanto ele precisa de apenas vinte árvores por ano para suprir, completamente, sua necessidade de madeira, ele não se sentirá prejudicado se um incêndio florestal destruir por volta de mil dessas árvores, desde que ele ainda esteja em posição de satisfazer suas necessidades de maneira mais completa quanto antes. Nessas circunstâncias, portanto,

¹⁹ Em tradução livre do inglês "All things are subject to the law of cause and effect. This great principle knows no exception, and we would search in vain in the realm of experience for an example to the contrary [...] Its continued and growing recognition is therefore closely linked to human progress"

a satisfação de nenhuma de suas necessidades do seu comando de uma única árvore, e por esta razão uma árvore também não possui qualquer valor para ele.²⁰

A partir destes exemplos hipotéticos, enfatizando a necessidade relacionada ao comando ou não de um certo bem, Carl Menger chega a conclusão de que o valor, por si mesmo, não está nos objetos, mas nas necessidades humanas, que “aparecem e desaparecem” (ibid, p. 120) de acordo com nossos sentimentos.

Com isso, pode-se perceber que a meta de Menger é desenvolver uma metodologia que, resumidamente, “[...] começa dos fenômenos mais simples e gradualmente vai passando para os fenômenos mais complexos da análise econômica²¹. Tal método é repetidamente utilizado ao longo da obra, o que comprova o uso consciente desta metodologia de pesquisa.

Na segunda obra, Menger procura defender sua metodologia, aproveitando para refiná-la, para então utilizá-la na crítica aos pressupostos metodológicos da escola histórica de economia.

20 Tradução livre do inglês: “If an inhabitant of a virgin forest has several hundred thousand trees at his disposal while he needs only some twenty a year for the full provision of his requirements for timber, he will not consider himself injured in any way, in the satisfaction of his needs, if a forest fire destroys a thousand or so of the trees, provided he is still in a position to satisfy his needs as completely as before with the rest. In such circumstances, therefore, the satisfaction of none of his needs depends upon his command of any single tree, and for this reason a tree also has no value to him.”

21 Tradução do Inglês: “[...] beginning with the simplest phenomena and gradually passing on to the more complex phenomena [...]”

De modo geral, o autor começa por dividir as ciências sociais (*Socialwissenschaften*, em alemão).

Primeiro, haveriam as ciências que ele denomina de “exatas”, que têm por objetivo básico a formulação de leis “exatas”, isto é, válidas para todos os comportamentos humanos em todas as épocas. Com isso, seriam ciências essencialmente *teóricas* (MENGER, 1985, p. 37).

Segundo, haveriam as ciências denominadas de “práticas”, que auxiliariam o governo na tomada de decisões de Estado. A partir disto, por exemplo, as ciências de finanças públicas seriam muito usadas pelos governantes para melhor desenvolver a nação. A junção desta com a primeira ciência formariam aquilo que o autor chama de “Economia Política” (MENGER, ibid, p. 39-40).

Por fim, haveriam as ciências históricas, que procurariam pelo estudo de fenômenos individuais do comportamento humano e sua relação com a sociedade. Desta forma, ciências como a estatística e a ciência histórica seriam importantes para esta tarefa (MENGER, ibid, p. 37).

Conforme comentado, este texto se utilizará das visões metodológicas de Max Weber, esta divisão provoca grandes consequências para o método utilizado para cada ciência, e é este o ponto de conflito metodológico com a Escola Histórica de Economia.

A principal consequência desta divisão está na defesa, por parte de Menger, de que a produção de leis

econômicas seria resultado de uma investigação teórica, e teriam validade universal e geral, algo que é muito criticado pela escola histórica, que nega a existência destas leis, ou de que as leis tem validade apenas em determinadas realidades, sem nenhum caráter universal (LANGE, op.cit, p. 214).

A segunda, e última, consequência, estão na afirmação, por Carl Menger, da metodologia utilizada por ele no *Principles*, isto é, que o melhor método para a investigação teórica estaria em uma análise que parta dos fenômenos mais simples para os cada vez mais complexos, metodologia que é chamada de “exata” (MENGER, op.cit, p. 59).

Desta forma, em resumo, Menger utiliza das duas obras para defender um método que, em sua visão, seria o mais adequado para o desenvolvimento do conhecimento econômico e das demais ciências sociais.

4 A Crítica de Max Weber aos Historicistas

A crítica de Max Weber aos trabalhos da primeira geração dos economistas da Escola Histórica de Economia, representada por Wilhelm Roscher e Karl Knies, está localizada em um grande artigo intitulado “Roscher e Knies e os problemas lógicos de Economia

Política Histórica, publicado no ano de 1903, quando o debate já apresentava sua decadência.

Este longo artigo, em sua construção, possui um estilo muito diferente daquele empregado por Menger, uma vez que prefere uma construção do texto bastante dura, com longos parágrafos com longas discussões; já Menger, por outro lado, possui um estilo bastante convidativo à leitura, uma vez que emprega exemplos facilmente reconhecíveis pelo leitor.

Pelo parágrafo acima, seria possível argumentar que a contribuição de Weber ao debate seria um tanto menor do que Menger. Não se justifica esta afirmação, uma vez que, apesar de longo, contém diversos pontos importantes de análise das ciências sociais, alguns, inclusive, que o autor Austríaco não usa.

Desta forma, a crítica de Max Weber é baseada em uma leitura atenta da obra de Wilhelm Roscher e Karl Knies, tendo como objetivo encontrar os pressupostos metodológicos de ambos os autores, relegando a um segundo plano a uma análise geral de ambas as obras (WEBER, 2001, p. 1).

Na obra de Wilhelm Roscher, ele observa, segundo Weber (ibid, p. 3) que há dois modos de se apreender a realidade dos fatos: o modo “Filosófico”, baseado em uma formulação de leis usadas pelas ciências exatas (matemática e a física); e o modo “Histórico”, que tem por objetivo a “reprodução e representação

de toda a realidade em sua plenitude por meio da descrição plástica”. Por isso, a história deteria uma certa precedência sobre a filosofia e as ciências exatas para a compreensão dos fenômenos humanos.

Avançando nesta formulação do modo histórico, Weber observa (ibid, p.5) que a ciência encarregada desta descrição seria a “economia política”, que, devido a esta atividade, deveria ser pautada pelos métodos históricos. Para isso, deveriam ser criadas leis que se adequem à “[...] dinâmica ou da sucessão dos fenômenos.” (ibid, p. 7).

Por outro lado, Weber passa a analisar as relações sociais e a motivação da ação humana. Para Wilhelm Roscher, a história “emana” através do povo, precisando saber as características essenciais do povo em determinada época de sua existência. A crítica de Weber está baseada que este método de pesquisa, pretendendo uma visão ao mesmo tempo empírica e teórica, propõe algo irrealizável em termos de análise “concreta” da sociedade (WEBER, ibid, p. 9 e 11). Sobre a motivação humana e os elementos da realidade, Roscher os define como sendo a “Ação humana”; “Condições Materiais” e “Disposições sobre-humanas”, sendo esta última tendo por base a emanção de ideais do todo coletivo.

Em suma, para Weber (ibid, p. 29), sobre a Metodologia de Roscher, “[...] percebe-se que nos

encontramos diante de uma pessoa que não possui ideias claras e lógicas”. Ou seja, apesar de conter uma análise cuidadosa e profunda, a metodologia de Roscher está baseada em uma base fraca, de alto caráter metafísico, o que prejudica a apreensão dos fenômenos sociais.

Em Karl Knies, a crítica de Max Weber se faz nas visões básicas do economista sobre a ação humana e pelos objetivos da economia política. Para este ponto, Knies (WEBER, 2001, p. 33) acredita que a Economia Política

[...] diz respeito à ação humana que é condicionada por dois fatores: de uma parte, por condicionamentos naturais e materiais, e, de outra, pelo ‘livre arbítrio’, que é característica tipicamente humana, e, por outro lado, por ‘fatores que envolvem necessidade’ que são condições naturais, determinadas por leis da natureza.

Com este trecho, nota-se que a economia política tem um lado materialista e um outro lado humano, que, através de seu estudo, teria a tarefa de satisfazer as necessidades humanas (WEBER, 2001, p. 33).

Por fim, segundo Weber apesar de Knies ter tentado se separar da influência de Roscher, sua metodologia ainda sofre das mesmas falhas de Wilhelm Roscher: ainda coloca suas bases metodológicas em condições metafísicas, ou em base materialista, sem ter base em uma análise causal, como defende Max Weber.

Considerações Finais

Com estas discussões historiográficas e das obras de Max Weber e Carl Menger, pode-se dizer que, mais do que encerrar a discussão sobre o *Methodenstreit*, este trabalho deixa lacunas que devem ser estudadas, de modo a auxiliar no entendimento do debate.

A primeira lacuna está no estudo de outras correntes econômicas com o debate, utilizando fontes primárias para compreender o papel de outros economistas no debate, tais como Leon Walras, William Stanley Jevons.

Outra lacuna está no acesso aos trabalhos dos economistas alemães, cujas obras estão apenas em alemão, e não possuem uma abertura à pesquisa

quando comparados com a obra de Carl Menger e Max Weber.

A Terceira lacuna está relacionada a uma análise mais profunda da visão austríaca do debate, observando uma possível permanência da crítica ácida que se percebe em Carl Menger nos estudiosos do debate.

A quarta e última lacuna fica em estabelecer uma conexão entre o contexto do debate e o debate em si, apontando elementos dos contextos da Alemanha e Áustria do final do século XIX que contribuíram para o debate.

Por fim, com estas propostas de uma pesquisa futura, percebe-se que o estudo sobre o debate entre os historicistas, Max Weber e os austríacos ainda não se esgotou, muito embora o debate já há muito se encerrou, o que comprova a necessidade de seu estudo.

Referências

- GOMES, Luiz Souza. Dicionário Econômico e Financeiro. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.
- HAYEK, Friedrich August von. Introduction. IN: MENGER, Carl. Principles of Economics. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007, p. 11-36.
- LANGE, Oskar. Moderna Economia Política: Problemas Gerais. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.
- MENGER, Carl. Investigations into the Method of the Social Sciences with Special Reference to Economics. Nova Iorque: New York University Press, 1985.
- _____. Principles of Economics. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007.
- MISES, Ludwig von. The Historical Setting of the Austrian School of Economics. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2003.
- _____. Uma crítica ao intervencionismo. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.
- ROBBINS, Lionel. Essay on the Nature and Significance of Economic Science. Londres: Macmillan & Co, 1932.
- ROLL, Eric. História das Doutrinas Econômicas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- SCHULAK, Eugen Maria; UNTERKÖFLER, Herbert. Austrian School: An History of its Ideas, Ambassadors and Institutions. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2011.
- SCHUMPETER, Joseph Alois. History of Economic Analysis. Londres: Allen e Unwin, 1954.
- SOTO, Jesus Huerta de. A Escola Austríaca. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.
- WEBER, Max. Metodologia das Ciências Sociais. São Paulo: Cortez Editora, 2001.